



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2020

**Amores Voláteis: um estudo das representações afetivas em *Turismo para Cegos*,
de Tércia Montenegro**

Bianca Mamona Abdallah Gharib¹; Alessandra Leila Borges Gomes Fernandes²;

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: biancamamona@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: allexleila@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira contemporânea; Tércia Montenegro; Amor volátil; banalização dos afetos.

INTRODUÇÃO

Assim como a cegueira, o amor é também um tema amplamente discutido e revisitado. Enquanto sobre a cegueira “as representações comuns de pessoas com deficiência reforçam as conotações majoritariamente negativas associadas às deficiências”, Valle e Connor (*apud* VIANA, 2018, p.18), as representações do amor são vastas e plurais, todavia também podem criar uma estigmatização dos sujeitos apaixonados. Shakespeare trabalha o amor intenso em **Romeu e Julieta**, tornando-se universalmente conhecido não apenas pelo caráter trágico da história, mas também pelas cenas derramadas de seus personagens. Na lenda de Tristão e Isolda — que tem versões variadas, sendo a mais conhecida a da Ópera de Wagner — a personificação do amor como um veneno bebido pelos protagonistas ganha conotação também trágica e predeterminante. O poeta KaisIbnAlmoulawwah em Layla e Majnun, por sua vez, nos apresenta o amor sem poções mágicas, mas tido como “amor à primeira vista”. Mas, seja no Ocidente ou no Oriente, com todas as diferenças culturais, a representação do amor tende a se mostrar como complexa e acima da vontade e/ou controle humanos. Nesse sentido, a visão do amor como sofrimento é a mais popular nas artes, sendo também mantida por inúmeras narrativas literárias, gerando nas diferentes sociedades a expectativa de se viver de forma intensa essa aventura pessoal, conforme analisa Rougemont que trabalha com a tendência cultural de que a ideia de “o amor feliz não tem história” (1988, p.15), isto é, não tem apelo, desenvolvimento, empatia.

Em **Turismo para cegos** o amor-paixão é evocado a partir da perspectiva ocidental, em que se deseja vivenciar a aventura da entrega amorosa, todavia, é permeado pela volatilidade do amor, ou, nas palavras de Bauman (2004), pela sua banalização. Sendo o homem movido por um pêndulo de desejo, como diz Schopenhauer (1960, p. 12), as personagens desse romance desenvolvem relações voláteis, centradas na satisfa-

ção eventual das próprias vontades e, muitas vezes, tendendo a reduzir o outro a um item ou mercadoria.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do projeto consistiu-se na leitura e levantamento de cenas do romance *Turismo para cegos*, de Tércia Montenegro, para compor o *corpus* de análise. Além do levantamento de passagens do próprio livro escolhido para estudo, foi necessário uma pesquisa bibliográfica de obras que teorizassem o amor — livros, teses e artigos científicos —, bem como a analogia com outras obras literárias que trouxessem relação de proximidade com a abordagem de Montenegro.

Com base nas ideias levantadas por Fromm (2000) e Rougemont (1988) sobre o papel do mito do amor no Ocidente, traçou-se uma análise baseada nas coreografias verbais realizadas pelas personagens. Levando em consideração as subcamadas da representação do amor, foram exploradas as configurações acerca das ideias e culturas amorosas ao longo dos séculos, percebendo o que está sendo deixado de lado pelos novos textos artísticos e o que perdura até os nossos dias. Dessa forma, a pesquisa apoiou-se, também, em análises sociológicas, filosóficas e literárias, a exemplo dos conceitos de banalização dos afetos, amor líquido ou volátil, de Bauman (2004), a representação literária como uma instância sociocultural, de Candido (2009), e o caráter pendular do desejo humano, de Schopenhauer (1960), entre outros autores.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Laila é uma mulher que adquire a cegueira já na fase adulta, em decorrência de uma retinose pigmentar. A doença que a deixa cega torna-se um detalhe diante da vida que, basicamente, segue a mesma. Ou melhor, a personagem Laila segue a mesma. Ela não se modifica enquanto pessoa, não espera pena, não adquire outra sensibilidade, não toca positivamente as vidas alheias com as quais se relaciona. Ao contrário, em alguns momentos do livro vemos que ela se aproveita do estigma criado em torno de sua cegueira para ser uma pessoa rude e, assim, justificar os atos desagradáveis que comete com as outras pessoas. Deste modo, ela não se enquadra como a personagem coitadinha, pois sua frieza surpreende o leitor. Ela é, portanto, uma personagem complexa, cuja arrogância pode desconcertar os leitores nalguns trechos, afinal, Laila se utiliza de sua cegueira para se manter alheia aos assuntos que não lhe interessam, mas também faz uso do estereótipo da cega vulnerável quando quer tirar proveito da solidariedade das pessoas.

No decorrer do romance, as relações voláteis se mostram em expansão. Laila deixa Pierre e foge com um antigo namorado. Pierre se envolve com a funcionária de um *pet shop* onde comprou o cão-guia para Laila, e essa funcionária, por sua vez, se relaciona com Pierre a fim de viver a fantasia de ser cega como Laila, por quem ela havia desenvolvido uma relação confusa de admiração e repulsa. Os afetos são desenvol-

vidos a partir da utilidade que podem trazer na vida dos personagens, podendo, também, ser substituídos na próxima esquina, de acordo com as novas demandas dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

O amor no romance **Turismo para cegos** aparece sob a perspectiva de um Eros desencantado ou banalizado pelas trocas individuais. Os personagens desenvolvem relações interpessoais focadas na volatilidade dos sentimentos. Até mesmo a cegueira da protagonista Laila é um item passível de manipulação no jogo das vaidades de demandas. Não é segredo que o ser humano pode ser orientado a investir em relacionamentos que tragam suprimentos para necessidades afetivas, ou físicas, ou emocionais, ou profissionais, mas, no romance de Montenegro, o narrador expõe de forma irônica, num estilo machadiano, a escolha consciente dessas relações mediadas por interesses subjetivos. Nesse sentido, não existe no enredo espaço para a paixão cega ou o amor-paixão, nem os sujeitos intencionam a durabilidade da experiência amorosa, ao contrário, trocam de relação como se troca de roupa, à medida que se sentem insatisfeitos pelos antigos laços.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CANDIDO, Antonio., GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- FROMM, Erich. **A Arte de Amar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ROUGEMONT, Dennis de. **O Amor e o Ocidente**. Tradução: Paulo Brandi, Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- SCHOPENHAUER, Artur. **Dores do Mundo**. Tradução: José Souza de Oliveira. Rio de Janeiro: Edigraf, 1960.
- VIANA, Livia Silva e. **Um estudo de representações da deficiência visual na literatura brasileira contemporânea**. Salvador, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/29542/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20L%C3%8DVI%20VIANA%201.pdf>>